

DISCURSOS E PRÁTICAS SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NAS AULAS DE CIÊNCIAS

Santina Célia Bordini - UFPR sbordini@gmail.com

Milena Lima - Editora Positivo milenal@positivo.com.br

Resumo

Como a educação sexual se realiza na prática? Quais conteúdos são, explícita e implicitamente, veiculados acerca desse tema na escola? A intenção deste trabalho é procurar entender como a sexualidade tem sido tratada nas práticas escolares, por meio da análise dos discursos de professoras de ciências em entrevistas sobre suas experiências de sala de aula para conhecer os discursos utilizados por elas. Entendendo a sexualidade como construção cultural e histórica fiz aproximações com as proposições de Michel Foucault e as teorias pós-críticas de currículo nas versões pós-estruturalistas. Como as práticas dos professores de ciências engendram uma forma particular do que ensinar e como realizar uma educação sexual. Aqui a intenção é compreender, a partir de Foucault, os discursos que fabricam uma sexualidade nas escolas, destacando a existência de políticas públicas para a adolescência, consideradas como dispositivo político que correlaciona e faz atuar práticas e discursos.

Palavras-chave: Educação para a sexualidade, Currículo de Ciências, Sexualidade.

Analizando uma situação:

É mais um dia de aula como outro qualquer em uma sétima série de uma escola pública do estado do Paraná. Aula de ciências. 4º bimestre do ano de 1990. Conteúdo: corpo humano. Assunto: Aparelho reprodutor masculino e feminino. Todos os alunos estão em silêncio e a professora inicia a aula falando:

- A função dos sistemas reprodutores é a perpetuação das espécies. Em contraste com os outros sistemas que vocês estudaram até então que tem como função a manutenção da vida do indivíduo como a digestão, a respiração, a circulação e a excreção, sem as quais o indivíduo não sobrevive, os sistemas reprodutores só tem uma única função no nosso corpo a reprodução.

Agora, abram o livro de ciências (Gewandsznajder, 2002) na página 187 que diz o seguinte: “A reprodução é fundamental para a espécie humana e para os seres vivos em geral. De fato, se tivéssemos, em algum momento da evolução humana, perdido a capacidade de nos reproduzir, nossa espécie já estaria extinta. Mas as

relações sexuais e a reprodução humana têm muitas outras conseqüências: desde uma gravidez não desejada até o risco de adquirir doenças sexualmente transmissíveis – inclusive a AIDS”.

Que discursos sobre corpo, sexo, sexualidade, natureza e cultura estão sendo reproduzidos por esses meios pedagógicos?

Que tipo de representações de ciência, de corpo e de natureza estão sendo naturalizadas por esses meios?

São essas as questões centrais que me disponho a buscar reflexões em meu projeto de pesquisa. Pretendo problematizar o trabalho escolar de discussão sobre a sexualidade a partir do ensino de ciências com alunos do Ensino fundamental. Minha primeira impressão, pelo fato de ser bióloga por formação acadêmica, era de que existisse realmente uma natureza que eu gostaria de entendê-la em sua essência. E a Ciência se constituiria num lugar privilegiado capaz de descrevê-la, interpretá-la e controlá-la a fim de explicar todos os fenômenos naturais.

Para encontrar algumas respostas fui buscar leituras no campo teórico dos Estudos Culturais. Os Estudos Culturais são caracterizados pelo investimento que faz na discussão do significado político sobre a cultura. Trata-se de colocar a cultura na centralidade das discussões, onde são estabelecidas as desigualdades no que se refere à etnia, sexo, gerações e classes.

Estudiosos contemporâneos, como Stuart Hall (1997) tem chamado a atenção para o papel central da cultura nos modos de ser e de estar no mundo. A cultura é entendida então nesse campo, como o conjunto de práticas produtoras de significado sobre as coisas do mundo e sobre nós mesmos.

Os estudos culturais possibilitam entender de forma mais ampla, mais complexa a educação e os sujeitos que ela envolve. Onde questões como cultura, identidade, representações e discursos ocupam o primeiro plano.

A disciplina ciências naturais e a sexualidade

É a partir dessa perspectiva que acontece como salienta Lenoir (apud AMARAL, 1997) “o processo de disciplinamento da natureza, uma vez que os objetos naturais, ou seja, aqueles objetos aos quais atribuímos um valor natural, são coisas que construímos sob condições instrumentais. Olhamos a natureza pelos olhos e sentidos da tecnologia e aprendemos como verdade aquilo que os instrumentos constituem para nós como a realidade”.

Segundo Foucault (1995), a “política geral” de verdade em nossas sociedades tem cinco características historicamente importantes: a verdade é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que a produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade para a produção e o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (como as universidades e meios de comunicação) e é objeto de debate político e de confronto social.

Cabe aqui questionar quais são os aspectos culturais da atualidade que permite pensar sobre o que é natural? Que tipo de representações de natureza, de ciência e de conhecimento científico estão naturalizados na escola? Tenho como base a explicação que Foucault (1995) dá para o termo verdade: “A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem”.

Louro (1999) chama a atenção para a forma comum e, muitas vezes, equivocada com que muitas professoras trabalham esse assunto: Muitos pensam que “... se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará fora da escola”. Na escola, o currículo, a linguagem, os livros didáticos, dentre outros materiais que caracterizam a cultura escolar, constituem-se em dispositivos que refletem e reproduzem as relações de poder.

Na situação apresentada no início desse texto, nota-se que na forma como a professora trabalha, a visão de sexualidade que é transmitida aos alunos é algo inerente a vida, à natureza e quando se refere ao ser humano também relaciona com a questão

saúde. Nota-se também, que existe uma articulação obrigatória entre prazer e perigo. A sexualidade é considerada para o ser humano como prazer, mas ao mesmo tempo, representa perigo à vida pelo fato de poder representar também a contaminação pelo vírus da Aids e a gravidez indesejada.

É nessa esteira do cuidado de si, da valorização do asseio corporal e do amor próprio que a escola passou a intervir na educação sexual dos alunos por meio da observação detalhada e da classificação. Uma educação sexual que não quer mais reprimir, mas ressaltar os perigos, os defeitos, que ao corrigir vai formar futuros cidadãos autênticos e responsáveis.

A escola, portanto, seria um meio de fazer circular um conhecimento científico, neste caso, sobre o sexo. Esse valor de verdade do conhecimento escolar sobre o sexo está explícito também nos textos veiculados pelo livro didático. O que se nota é que a educação sexual na escola é, antes de tudo, uma educação sobre reprodução e o corpo que fundamenta esse ensino é um corpo orgânico e funcional, conhecido primordialmente a partir de seu interior.

A respeito dessa forma de selecionar os saberes sobre o assunto a ser ensinado, Gore, 2002 comenta que o processo pedagógico corporifica relações de poder entre professores e alunos com respeito a questões de saber e questiona: qual saber é válido, qual saber é produzido, o saber de quem.

Tomando como ponto de partida para essas reflexões, as análises de Michel Foucault sobre o tema e, trazendo-as para o campo da escola, é possível compreender melhor a história da Educação Sexual dos escolares e, perceber a necessidade de investigar como e de que maneira se investe na produção e circulação de saberes que passam a constituir cotidianamente os sujeitos. Ou seja, questionar como se produzem os discursos que chegam na escola, de onde falam aqueles que dizem o que deve ser feito, e como isso, vai fazendo com que nós sejamos o que somos? Ao analisar a situação produzida na introdução desse texto nota-se que a sexualidade ganha a identidade discursiva da reprodução sexuada. Entretanto aqui cabe a questão, quando falamos de sexualidade na escola, o que está em jogo, que objetivos queremos atingir?

Para Foucault (2006), a sexualidade é um dispositivo histórico e contingente que reúne práticas sociais em torno do corpo, seus usos e prazeres. Vale lembrar que Foucault entende dispositivo como um conjunto de estratégias de poder e saber que se ligam a determinados discursos para que exerçam efeitos de verdade.

A questão é em que medida estas representações do natural se tornam a realidade? Para responder a esta questão é preciso discutir a constituição das representações culturais sabendo que elas fazem parte do “processo de manutenção e criação de identidades sociais” (Silva, 1995) e funcionam na cultura escolar como a ligação com o poder. As abordagens sobre o corpo humano na escola não incorporam outras representações culturais, pois enfatizam apenas as visões hegemônicas sobre o corpo e a partir delas estabelece a diferença. Ao fazer isso a escola legitima o caráter verdadeiro e universal da ciência e não mostra as diferenças culturais.

Ao questionar sobre essas formas de trabalhar com a sexualidade em sala de aula, se abrem possibilidades de questionamentos a respeito das identidades hegemônicas e passar a olhar a escola como um campo de luta pela representação onde todos possam construir relações que possibilitem menos discursos normatizadores sobre o corpo.

Caminho Investigativo

Procurarei analisar as narrativas de 11 professoras de ciências, que atuam especificamente na 7^a série do ensino fundamental em escolas públicas, sobre suas vivências de sala de aula, a fim de conhecer os recursos e as estratégias que atuam na constituição do adolescente por meio das pedagogias escolares. As narrativas aqui são entendidas como falas e textos das professoras, e segundo Larossa, como um modo de discurso em que as pessoas constroem os sentidos tanto de si quanto de suas experiências. Para esse autor, cada pessoa se encontra já imersa em estruturas narrativas que lhe pré-existem e em função das quais constrói e organiza sua experiência impondo-lhe significado.

Utilizei a noção de pedagogia não no sentido de entendê-la como o conjunto de estratégias e habilidades empregadas para ensinar determinados conteúdos, mas numa perspectiva cultural entendida como processos sociais que ensinam. Nesse sentido, para Silva, diferentes instâncias e práticas culturais implicam na produção de significados, que ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, desejos e prazeres, fabricam as pessoas.

Como instrumento de análise para o estudo exploratório utilizei a técnica de entrevista semi-estruturada que é aquela caracterizada por uma combinação de perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.

Alguns Achados

Coloquei a seguir algumas das narrativas apresentadas pelas professoras nas entrevistas quando questionada sobre como elas trabalham com a sexualidade em sala de aula e suas análises preliminares:

“Eu dou ênfase a anatomia e a fisiologia do corpo, falo da nomenclatura científica, pois não tenho dificuldade nenhuma em relação a isso. Dou os nomes certos, sempre. O científico é que prevalece”. (Professora 2)

Fazendo uma análise dessa narrativa nota-se a presença que total do discurso que produz o “corpo biológico” – ou natural – onde a construção de identidades e comportamentos estaria articulada apenas com as questões biológicas do corpo. O corpo biológico está representado numa visão limitada do sujeito, englobando apenas a visão da anatomia e fisiologia desconsiderando as questões culturais que produzem sentidos aos modos de viver no mundo social.

Numa outra narrativa a professora 3 discorre sobre seu trabalho em sala de aula com esse tema no seguinte aspecto:

“ a minha ênfase é na prevenção das DST. Mostro para os alunos aquelas fotos das doenças venéreas e depois falo da AIDS. Fiz uma dinâmica com eles aquela de

sujar a mão com carvão e depois eles vão se cumprimentando. Depois eu falo que é assim que se pega uma doença. Pela promiscuidade.” (Professora 3)

“Gostaríamos que pessoas como médicos, enfermeiras e essas ONGs viessem dar palestras aqui na escola e falar sobre esses assuntos mais polêmicos como homossexualidade, medos e tabus da sexualidade” (Professora 4)

Nota-se aqui que uma concepção médico-higienista permeia suas ações. E ainda aliam DST e prevenção à gravidez como se fossem conteúdos únicos da Educação sexual.

Na concepção médico-higienista, a sexualidade é reduzida a genitalidade e a um “problema” de saúde pública. Não está em jogo a formação do ser humano e sim a informação de como se evitar o contágio de doenças que se transmitem pelo sexo e evitar a gravidez precoce. A linguagem é anatômica, clínica de uso comum entre os médicos de difícil acesso e compreensão à maioria da população. O sexo também é classificado na ordem da disfunção e das anomalias. A caracterização do prazer fica abandonada, à medida que se retalha o corpo humano em órgãos e sistemas cuja função é a reprodução.

Neste aspecto é importante que a escola transcenda a tradição iluminista que se fundamenta na idéia de que o conhecimento científico tem um potencial libertador até porque no que tange à sexualidade, a escola não é herdeira da *ars erótica*, mas da *scientia sexualis* e inclua, paralelamente à socialização do conhecimento sobre a sexualidade, dispositivos construtores de individualidades passíveis de facilitar o desenvolvimento da sexualidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marise B. A disciplina da natureza e a natureza das disciplinas: a ciência como produção cultural – relatos de um encontro com Thimoty Lenoir. **Episteme**, v.2,n.4,1997.

BONI, V. ;QUARESMA,SILVIA J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política**, UFSC, v.2, n.1(3), jan-jul/2005, p.68 –80.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1995. 295 p.

_____, Michel. **A história da sexualidade 1**. A vontade de saber. 17 ed. Trad.Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GEWANDSZNAJDER, Fernando. **Ciências. 7ª série. Nosso Corpo**. São Paulo: Ática, 2002.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.85-103.

GORE, Jennifer M. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: SILVA, Tomaz T. **O sujeito da Educação – Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.09–20.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando do sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LARROSA, Jorge. "Tecnologias do eu e educação". In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade, gênero, e educação – Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.



SILVA, Tomaz T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WORTMANN, Maria Lucia C.; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.